

DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM

CIC 713-716: os traços do Messias são revelados nos cânticos do Servo

- 713** Os traços do Messias são revelados sobretudo nos cânticos do Servo¹. Estes cânticos anunciam o sentido da paixão de Jesus, indicando assim a maneira como Ele derramará o Espírito Santo para dar vida à multidão: não a partir do exterior, mas assumindo a nossa «condição de servo» (*Ft* 2, 7). Tomando sobre Si a nossa morte, Ele pode comunicar-nos o seu próprio Espírito de vida.
- 714** É por isso que Cristo inaugura o anúncio da Boa-Nova, apropriando-Se desse passo de Isaías (*Lc* 4, 18-19)²:
- «O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim,
porque o Senhor Me ungiu.
Enviou-Me a anunciar a Boa-Nova aos que sofrem,
para curar os desesperados,
para anunciar a libertação aos exilados
e a liberdade aos prisioneiros,
para proclamar o ano da graça do Senhor».
- 715** Os textos proféticos, respeitantes directamente ao envio do Espírito Santo, são oráculos em que Deus fala ao coração do seu povo na linguagem da promessa, com os acentos do «amor e da fidelidade»³, cujo cumprimento São Pedro proclamará na manhã do Pentecostes⁴. Segundo estas promessas, nos «últimos tempos» o Espírito do Senhor há-de renovar o coração dos homens, gravando neles uma lei nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a primeira criação e Deus habitará nela com os homens, na paz.
- 716** O povo dos «pobres»⁵, dos humildes e dos mansos, totalmente entregues aos desígnios misteriosos do seu Deus, o povo dos que esperam a justiça, não dos homens mas do Messias, tal é, afinal, a grande obra da missão oculta do Espírito Santo, durante o tempo das promessas, para preparar a vinda de Cristo. É a qualidade do seu coração, purificado e iluminado pelo Espírito, que se exprime nos salmos. Nestes pobres, o Espírito prepara para o Senhor «um povo bem disposto»⁶.

¹ Cf. *Is* 42, 1-9; *Mt* 12, 18-21; *Jo* 1, 32-34; e também *Is* 49, 1-6; *Mt* 3, 17; *Lc* 2, 32; e, por fim, *Is* 50, 4-10 e 52, 13-53, 12.

² Cf. *Is* 61, 1-2.

³ Cf. *Ez* 11, 19; 36, 25-28; 37, 1-14; *Jr* 31, 31-34; *Jl* 3, 1-5.

⁴ Cf. *Act* 2, 17-21.

⁵ Cf. *Sf* 2, 3; *Sl* 22, 27; 34, 3; *Is* 49, 13; 61, 1; etc.

⁶ Cf. *Lc* 1, 17.

CIC 440, 571-572, 601: Jesus sofreu e morreu para a nossa salvação

- 440** Jesus aceitou a profissão de fé de Pedro, que O reconhecia como o Messias, anunciando a paixão próxima do Filho do Homem⁷. Revelou o conteúdo autêntico da sua realeza messiânica, ao mesmo tempo na identidade transcendente do Filho do Homem «que desceu do céu» (*Jô* 3, 13)⁸ e na sua missão redentora como Servo sofredor: «O Filho do Homem [...] não veio para ser servido, veio para servir e dar a vida como resgate pela multidão» (*Mt* 20, 28)⁹. Foi por isso que o verdadeiro sentido da sua realeza só se manifestou do cimo da cruz¹⁰. E só depois da ressurreição, a sua realeza messiânica poderá ser proclamada por Pedro perante o Povo de Deus: «Saiba, com absoluta certeza, toda a casa de Israel, que Deus fez Senhor e Messias esse Jesus que vós crucificastes» (*Act* 2, 36).
- 571** O mistério pascal da cruz e ressurreição de Cristo está no centro da Boa-Nova que os Apóstolos, e depois delas a Igreja, devem anunciar ao mundo. O desígnio salvífico de Deus cumpriu-se de «uma vez por todas» (*Heb* 9, 26) pela morte redentora do seu Filho Jesus Cristo.
- 572** A Igreja permanece fiel à «interpretação de todas as Escrituras» dada pelo próprio Jesus, tanto antes como depois da sua Páscoa¹¹: «Não tinha o Messias de sofrer tudo isto, para entrar na sua glória?» (*Lc* 24, 26). Os sofrimentos de Jesus tomaram a sua forma histórica concreta, pelo facto de Ele ter sido «rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas» (*Mc* 8, 31), que «O entregaram aos pagãos para ser escarnecido, flagelado e crucificado» (*Mt* 20, 19).
- 601** Este plano divino de salvação, pela entrega à morte do «Servo, o Justo»¹², tinha sido de antemão anunciado na Escritura como um mistério de redenção universal, quer dizer, de resgate que liberta os homens da escravidão do pecado¹³. São Paulo professa, numa confissão de fé que diz ter «recebido»¹⁴, que «Cristo morreu pelos nossos pecados *segundo as Escrituras*»¹⁵. A morte redentora de Jesus deu cumprimento sobretudo à profecia do Servo sofredor¹⁶. O próprio Jesus apresentou o sentido da sua vida e da sua morte à luz do Servo sofredor¹⁷. Após a sua ressurreição, deu esta interpretação das Escrituras aos discípulos de Emaús¹⁸ e depois aos próprios Apóstolos¹⁹.

⁷ Cf. *Mt* 16, 16-23.

⁸ Cf. *Jô* 6, 62; *Dn* 7, 13.

⁹ Cf. *Is* 53, 10-12.

¹⁰ Cf. *Jô* 19, 19-22; *Lc* 23, 39-43.

¹¹ Cf. *Lc* 24, 27. 44-45.

¹² Cf. *Is* 53, 11; *Act* 3, 14.

¹³ Cf. *Is* 53, 11-12; *Jô* 8, 34-36.

¹⁴ Cf. *1 Cor* 15, 3.

¹⁵ Cf. também *Act* 3, 18; 7, 52; 13, 29; 26, 22-23.

¹⁶ Cf. *Is* 53, 7-8; *Act* 8, 32-35.

¹⁷ Cf. *Mt* 20, 28.

¹⁸ Cf. *Lc* 24, 25-27.

¹⁹ Cf. *Lc* 24, 44-45.

CIC 618: a nossa participação no sacrifício de Cristo

618 A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»²⁰. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»²¹, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»²². Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»²³ porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»²⁴. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários²⁵. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor²⁶:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»²⁷.

CIC 2044-2046: as boas obras manifestam a fé

2044 A fidelidade dos baptizados é condição primordial para o anúncio do Evangelho e para a *missão da Igreja no mundo*. Para manifestar diante dos homens a sua força de verdade e irradiação, a mensagem de salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos. «O testemunho de vida cristã e as obras realizadas com espírito sobrenatural são meios poderosos para atrair os homens à fé e a Deus»²⁸.

2045 Porque são membros do corpo cuja cabeça é Cristo²⁹, os cristãos contribuem, pela constância das suas convicções e dos seus costumes, para a *edificação da Igreja*. A Igreja cresce, aumenta e desenvolve-se pela santidade dos seus fiéis³⁰, até ao «estado do homem perfeito, à medida da estatura de Cristo na sua plenitude» (*Ef* 4, 13).

2046 Vivendo segundo Cristo, os cristãos apressam a vinda do Reino de Deus, do «Reino da justiça, da verdade e da paz»³¹. Mas nem por isso descaram as suas tarefas terrestres. Fiéis ao seu mestre, cumprem-nas com rectidão, paciência e amor.

²⁰ Cf. *1 Tm* 2, 5.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

²² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

²³ Cf. *Mt* 16, 24.

²⁴ Cf. *1 Pe* 2, 21.

²⁵ Cf. *Mc* 10, 39; *Jo* 21, 18-19; *Cl* 1, 24.

²⁶ Cf. *Lc* 2, 35.

²⁷ SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

²⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 6: AAS 58 (1966) 842.

²⁹ Cf. *Ef* 1, 22.

³⁰ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 39: AAS 57 (1965) 44.

³¹ *Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do universo*, Prefácio: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 381 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 429].